

PTOLOMEU I E A CRIAÇÃO DA DINASTIA LÁGIDA

Fernanda Alvares Freire¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo delinear alguns dos aspectos históricos do estabelecimento da dinastia Lágida no Egito a partir das vicissitudes políticas do período posterior à morte de Alexandre. A atuação política de Ptolomeu dava-se de duas maneiras: a oposição veemente a todos aqueles que empreendessem uma tentativa de restabelecer a monarquia mundial de Alexandre, e sua articulação entre conquistas territoriais e alianças políticas para proteger o Egito ou ampliar suas redes comerciais. Isto é necessário para que se possa, por fim, explicitar os fundamentos do poder legítimo de Ptolomeu, oriundos de uma ressignificação da *basileia* de Alexandre.

Palavras-chave: Ptolomeu; Egito; *basileia*; dinastia Lágida.

Abstract: This article intends to outline some of the historical aspects of the establishment of the Ptolemaic dynasty in Egypt based on the vicissitudes of the political events after the death of Alexander the Great. Ptolemy had two main policies: one was the vehement opposition to anyone who undertook the re-establishment of Alexander's world monarchy; the other was the establishment of political alliances and conquest of territories to protect Egypt or extend its commercial network. Furthermore, it intends to unveil the source of Ptolemy's legitimate power, which originated from an adaptation of Alexander's *basileia*.

Keywords: Ptolemy; Egypt; *basileia*; Ptolemaic dynasty.

A atuação de Ptolomeu nas vicissitudes políticas do Império deixado por Alexandre é fundamental para o entendimento da criação da dinastia Lágida no Egito. Seu envolvimento dava-se de duas maneiras: a oposição veemente a todos aqueles que empreendessem uma tentativa de restabelecer a monarquia mundial de Alexandre; sua articulação entre conquistas territoriais e alianças políticas para proteger o Egito ou ampliar suas redes comerciais.

A primeira estratégia é evidenciada pela liderança de Ptolomeu nas investidas contra Pérdicas e na subsequente oposição a Antígono e, ocasionalmente, a Cassandro. Isso se dava por motivos óbvios: qualquer tentativa de unificação era uma ameaça direta ao Egito. Entretanto, ele raramente se arriscava diretamente. Bevan retrata a atuação de

¹Graduanda em História pela UnB e bolsista (remunerada) de iniciação científica da UnB Email: fernandaalvaresf@gmail.com. Orientador: Henrique Modanez de Sant'Anna.

Ptolomeu como tendo sido a de uma tartaruga em seu casco, pois sempre que ameaçado de alguma maneira ele se recolhia ao Egito (1927, pp. 23, 25). Assim, recuou duas vezes frente a Antígono na Cele-Síria.

Na segunda, que se refere às anexações, ele atuou principalmente nas regiões adjacentes ao Egito. Na porção Oeste, anexou as regiões da Líbia e da Cirenaica; na leste, a Cele-Síria e parte da Fenícia, além da ilha de Chipre e de exercer influência sobre as ilhas gregas.

Os eventos políticos importantes para esta análise começaram com a questão da sucessão do rei. Alexandre Magno morreu subitamente em junho de 323 a.C.² sem deixar nenhuma indicação clara quanto a sua sucessão. O vazio no poder do Império conquistado por ele foi alvo de disputas entre seus generais durante anos. Os territórios do Império foram divididos entre os *hetairoi*, companheiros do rei; o trono, de modo simbólico, partilhado entre Filipe Arrideu e Alexandre IV³. Pérdicas foi nomeado *quiliarca*⁴, e detinha a posição de maior poder dentro da nova organização política.

Diodoro registrou a partilha dos territórios da seguinte maneira: Leonato ficou com a Frígia Helespontina; a Lisímaco foi dada a Trácia; a Eumenes de Cárdia foi designada a Capadócia e a Paflagónia, regiões ainda não conquistadas e sob o domínio do rei Ariarates; Antígono Monofalmo ficou com a Panfília, a Lícia e parte da Frígia; a Seleuco foi designado o comando da cavalaria dos nobres companheiros de Alexandre⁵; por fim, a Ptolomeu coube o Egito (18. 3).

De acordo com Bevan (1927, p. 18), a nova posição de Ptolomeu foi mais do que uma mera atribuição, visto que ele teria intencionalmente escolhido a região que era, na verdade, seu objetivo último. Em concordância, Will interpretou a situação dos diádocos como uma oposição entre os generais que ainda perseguiram o ideal unitário do Império e os que seguiam tendências de governo particularistas. Nesse sentido, Ptolomeu foi o primeiro dos *hetairoi* a perceber que a unidade não seria reestabelecida

² Todas as datas dos eventos antigos tratados neste artigo são a.C., a menos quando forem acompanhadas de d.C.

³ Filipe Arrideu era meio-irmão de Alexandre e seu parente mais próximo. Quando o rei morreu, sua esposa estava grávida de Alexandre IV. Entretanto, ambas as opções legítimas de sucessão eram inadequadas, uma vez que Arrideu era intelectualmente limitado (DIODORO, 18.2) e Alexandre IV ainda não havia nascido (QUINTO CÚRCIO, 10.6.8).

⁴ O termo “*quiliarca*” designa uma função militar persa. Entretanto, no contexto do Império de Alexandre passou a designar o segundo no comando após os reis. Essa situação colocava Pérdicas como verdadeiro detentor do poder, já que os reis eram incapazes de governar (BOSWORTH, 1971: 132).

⁵ Ἰπποκρίτα τῶν ἑταίρων, a cavalaria dos companheiros.

e, assim sendo, também foi o primeiro a investir na consolidação de sua própria dinastia (ELLIS, 2005, p. 31; WILL, 2008, p. 29; 42).

Pérdicas, em contrapartida, tornou-se o primeiro a alcançar uma posição de preeminência como representante do ideal unitário de Império. Mas ao tentar estabilizar a nova situação política não conseguiu manter-se no comando, e o desfecho de seu empreendimento foi desastroso. Inicialmente o *quiliarca* desentendeu-se com Antípatro ao recusar a mão de sua filha, Niceia, em nome de Cleópatra, meio-irmã de Alexandre. Além de lhe render um novo inimigo, essa manobra política explicitou sua ambição monárquica, uma das razões para a hostilidade de Crátero e Antípatro, aliados na Guerra Lamíaca⁶.

Outro ponto de tensão na relação de Pérdicas com os outros diádocos foi o rapto do corpo de Alexandre por Ptolomeu. Em resumo, Filipe Arrideu havia sido designado como responsável pelo cortejo fúnebre de seu irmão, que, de acordo com sua vontade manifestada em vida, seria enterrado em Siva. Entretanto, Ptolomeu mantinha-se em contato com Arrideu e foi assim, cabe ressaltar, que se manteve informado do itinerário da comitiva. Quando estavam na Síria, Ptolomeu foi pessoalmente ao encontro do cortejo e tomou a caravana para si (DIODORO, 18.28), uma verdadeira afronta à autoridade do regente.

Pérdicas falhou em manter os generais mais importantes de Alexandre como seus aliados. Nos dois anos de regência que havia exercido sua influência aumentara, assim como sua autoconfiança. Todavia, ele se mostrava cada vez mais desconfiado de tudo e de todos, incluindo seus únicos aliados, Eumenes e Alcetas, seu irmão (ERRINGTON, 1970, p. 64; HECKEL, 2002, p. 81).

Dividido entre duas frentes de combate (Antípatro e Crátero na Europa; Ptolomeu no Egito), decidiu atacar primeiro Ptolomeu, o seu oponente mais perigoso (ERRINGTON, 1970, p. 65). O sátrapa do Egito era uma figura influente, amigo íntimo de Alexandre antes mesmo de sua ascensão, estava em uma das satrâpias mais ricas e bem protegidas de todo o império e naquele momento possuía o corpo do rei e todo o

⁶ A Guerra Lamíaca foi o confronto entre os generais macedônios e as *poleis*, lideradas por Atenas, que se revoltaram logo após a morte de Alexandre. O rei havia criado uma situação de profunda insatisfação nas *poleis* ao impor a anistia dos gregos exilados nos Jogos Olímpicos de 324 (ERRINGTON, 2008, 1). Durante a guerra, Antípatro era o responsável por conter a revolta grega, contudo acabou sitiado em Lâmia e precisou pedir auxílio. Leonato e Crátero se apresentaram, Leonato morreu em batalha e Crátero ajudou Antípatro a conter os gregos. Crátero demonstrou enorme respeito e colocou-se sob o comando de Antípatro. Formaram assim uma aliança que duraria até a sua morte (DIODORO, 18.12-16).

prestígio que a posse garantia⁷, portanto, se sentia extremamente ameaçado e precisava agir (ERRINGTON, 2008, p. 18).

Sua campanha no Egito, no entanto, findou por ser completamente desastrosa. Antes mesmo de entrar em conflito direto com Ptolomeu, ele foi assassinado por suas próprias tropas. Em uma tentativa de atravessar o rio Nilo, Pérdicas perdeu cerca de 2.000 homens por conta de um erro estratégico tendo sido, então, assassinado por seus oficiais (DIODORO, 18. 33-36).

Ptolomeu foi recebido pelas tropas vencidas no dia seguinte e foi pressionado para que aceitasse tomar o lugar deixado pelo regente (DIODORO, 18.36). Ao recusar o lugar de Pérdicas, deixou implícitas suas ambições separatistas, as quais foram confirmadas por Antípatro em Triparadiso, onde os generais se reuniram para realizar uma nova divisão territorial (ERRINGTON, 1970, p. 71).

Antípatro passou a ocupar a função de regente e voltou a Pela⁸ com os reis, mas diferentemente de seu antecessor, seu maior interesse era manter o domínio sobre a Macedônia. Ou seja, assim como no Egito, a atual situação da Macedônia era definida por tendências particularistas. A divisão dos territórios sofreu alterações e passou a incluir personagens importantes para o período helenístico: Seleuco foi designado como sátrapa da Babilônia; Antígono manteve seus territórios, mas recebeu a função de *strategos* da Ásia e o comando das tropas reais para executar Eumenes, responsável pela morte de Crátero⁹. O Egito manteve-se sob o domínio de Ptolomeu, e depois da invasão passou a ser caracterizado como “conquistado pela lança” (*doriktetosge*)¹⁰ (DIODORO, 18.39,43.1; CHAMOUX, 2002, p. 44).

Logo após Triparadiso, Ptolomeu realizou um movimento de expansão territorial (DIODORO, 18.43). A região da Cele-Síria, no sudeste da Síria, era uma região estratégica extremamente importante para o Egito, um apêndice que servia também de proteção contra invasões vindas do leste e do oeste, de regiões como a Líbia e a

⁷ Por muito tempo após sua morte, Alexandre e tudo relacionado a ele carregavam bastante prestígio. A construção de uma tumba para o rei morto e a realização de honras e jogos fúnebres em sua homenagem trouxeram grande prestígio a Ptolomeu no Egito. Até mesmo porque, no Egito, Alexandre era considerado um libertador, por tê-los livrado do domínio persa.

⁸ Tradicional capital da Macedônia.

⁹ Eumenes havia sido instruído a deter as tropas de Crátero e Antípatro no Helesponto. Quando entraram em conflito, Crátero foi morto em batalha e Eumenes foi responsabilizado, por ser ele aliado de Pérdicas.

¹⁰ Δορικτητος, ou vencido pela lança (*spear-won*), é a mesma categoria dos territórios conquistados por Alexandre. O termo é usado por Diodoro duas vezes ao se referir ao Egito após a morte de Pérdicas (18.39, 43).

Cirenaica. Anteriormente, ele havia anexado os territórios a oeste até a Cirenaica, após se envolver em uma guerra civil em Cirene (DIODORO, 18.19-21; BEVAN, 1927, p. 22).

Contudo, a saúde de Antípatro piorou após Triparadiso, e com sua idade já avançada o desfecho era previsível. Em seu leito de morte, ele indicou Poliperconte¹¹ como seu sucessor na regência e na guarda dos reis. Essa decisão revoltou seu filho mais velho, Cassandro, e, apesar da aclamação do exército, provocou inquietude nos outros diádocos. Teoricamente, Antípatro não possuía autoridade suficiente para indicar seu sucessor, uma vez que ele mesmo era somente regente do Império e que depois de sua morte uma nova assembleia deveria eleger um sucessor (CHAMOUX, 2002, p. 45; WILL, 2008, p.41). Imediatamente, Cassandro deixou clara sua insatisfação e buscou o apoio de Antígono. Ptolomeu, por sua vez, aproveitou a situação confusa para expandir seu domínio sobre a Fenícia (DIODORO, 18.43), sempre cauteloso para que seus movimentos não fossem considerados qualquer tipo de ameaça ao *status quo*.

Nesse momento, ações importantes aconteciam simultaneamente na Europa e na Ásia. Na Europa, acontecia a disputa pela Macedônia e pela influência sobre as *poleis* gregas entre Poliperconte e Cassandro (DIODORO, 18.54-57). Sendo o último vitorioso, conseguindo inserir-se no seio da dinastia Argéada ao casar-se com Tessalônica, irmã de Alexandre, e tornar-se responsável pela tutela de Alexandre IV (DIODORO, 19.49-52; CHAMOUX, 2003, pp. 45-47). Cassandro detinha, portanto, o poder sobre a Macedônia¹².

Já na Ásia, Antígono conquistava seu espaço enquanto perseguia Eumenes até, finalmente, em 316, vencê-lo¹³ (DIODORO, 19.44). Ele passara a ter, então, o controle das regiões entre a Ásia Menor e o Irã (WILL, 2008, p. 46), além de ter aumentado consideravelmente seu poder financeiro e militar ao recolher o que podia dos tesouros regionais. Antígono demonstrava cada vez mais suas intenções; tentou impor diretamente sua autoridade sobre Seleuco ao exigir dele o tesouro da Babilônia. Seleuco

¹¹ A escolha de Poliperconte deveu-se, aparentemente, ao fato de Cassandro ser muito jovem e inexperiente, se comparado ao general escolhido para o cargo (DIODORO, 18.48).

¹² Alguns autores atestam que muitos dos diádocos perseguiram algo chamado “miragem macedônica”, que é o ideal de que o trono da macedônia seria o “único investido de legitimidade” (CHAMOUX, 2002, p. 45). Isso acontecia principalmente com aqueles que visavam suceder Alexandre no domínio do império. Para a maioria dos autores, entretanto, Ptolomeu não era seduzido por essa miragem. (WALBANK, 2008, p. 64; WILL, 2008, p. 41).

¹³Eumenes era aliado de Perdicas. Na invasão ao Egito, foi o responsável por guardar o Helesponto e impedir a passagem de Crátero e Antípatro, aliados de Ptolomeu. Na batalha, Crátero foi morto. A partir da derrota de Perdicas, Eumenes foi considerado inimigo da Macedônia e a Antígono foi dada a tarefa de persegui-lo e matá-lo.

negou e, temendo sofrer retaliações, procurou abrigo junto a Ptolomeu, a quem relatou o ocorrido (DIODORO, 19.55).

As conquistas de Antígono eram preocupantes e os outros diádocos se uniram em uma coalizão contra a nova tentativa de monarquia mundial. Com o conflito deflagrado, Antígono escancaradamente ampliava suas conquistas. Em 315 invadiu a Cele-Síria, forçando Ptolomeu a recuar, e acabou por sitiá-lo em Tiro. Nessa ocasião, Antígono fez um manifesto no qual declarava a liberdade das *poleis* de guarnições macedônicas e do domínio externo, além de denunciar Cassandro pela morte de Olímpia e por deter sob seu poder Alexandre IV e Roxana (DIODORO, 19.61).

A liberdade das *poleis* gregas pouco importava, de fato, para os diádocos. Para Antígono, o verdadeiro interesse era conseguir apoio, ampliar seu domínio e assegurar o Império (BRAUND, 2003, pp. 25-26). Além de que, ao declarar a liberdade das *poleis* conseguia um pretexto para se livrar da influência de seus oponentes.

Ptolomeu assumiu o ideal de liberdade das *poleis* por outro motivo. Ele sabia que qualquer um que desejasse reunificar o Império cedo ou tarde voltaria seus olhos para o Egito. Dessa forma, garantir a liberdade significava defender a soberania em seus próprios territórios (ERRINGTON, 2008, p. 31; WILL, 2008, pp. 47-48).

Em 312, uma batalha decisiva anunciou uma trégua. Demétrio tinha a incumbência de guardar a região sudeste da Síria, e por esta razão suas tropas e as do sátrapa do Egito se opuseram em Gaza¹⁴. Demétrio sofreu uma derrota avassaladora. Tendo em vista a derrota sofrida, Antígono buscou fazer um acordo de paz com seus oponentes em 311. Esse acordo representava apenas a manutenção pacífica, ao menos momentaneamente, do *status quo* (WILL, 2008, p. 50).

Já no ano seguinte, Cassandro articulou o assassinato de Alexandre IV e Roxana (DIODORO, 19.105). Isso significa que não havia mais nenhum impedimento legal para que os diádocos se autoproclamassem como *basileis*, o que, de fato, não tardaria a acontecer (BRAUND, 2003, p. 27). Já em 306, após Demétrio triunfar sobre Ptolomeu em Chipre, Antígono e seu filho assumiram o título real e passaram a usar o diadema –

¹⁴ A batalha de Gaza é especialmente importante para o contexto do mundo helenístico porque a vitória de Ptolomeu abriu caminho para que Seleuco voltasse à Babilônia, onde estabeleceria uma *basileia* tão duradoura quanto a de Ptolomeu (CHAMOIX, 2003, pp. 49-50).

símbolo da *basileia* helenística. O fim das investidas de Antígono viria com sua morte em 301, na batalha de Ipsos¹⁵, contra Lísímaco, Cassandro e Seleuco.

No que se refere às anexações de Ptolomeu, sua atuação se restringiu principalmente às regiões adjacentes ao Egito (Líbia, Cirenaica, a Cele-Síria e parte da Fenícia) além do domínio sobre a ilha de Chipre e de exercer influência sobre o mar Egeu. A importância dessas anexações é estratégica. As anexações continentais funcionavam, de certa maneira, como uma faixa protetora em ambos os lados do Egito. Segundo Bevan, algumas dessas conquistas visavam manter pontos de apoio para seu poder marítimo, isto é, tecer uma teia de dominação em todo o mar Egeu. Além de uma motivação econômica Ptolomeu já possuía o porto de Alexandria, que era extremamente importante, ele desejava assegurar o domínio sobre duas outras linhas de comércio: a que unia o Nilo a Alexandria e a que ligava o Golfo Pérsico a Gaza (1927, pp. 23-24).

No Egito, Ptolomeu encontrava-se seguro, protegido pelo clima e pela geografia do lugar. Em 305/4, portanto, assumiu o título de *basileus*. Essa atitude foi uma afirmação de sua soberania no Egito frente aos seus oponentes, uma resposta a Antígono, que havia assumido a dignidade com o intuito de anunciar-se como sucessor de Alexandre (WALBANK, 2008, p. 63; WILL, 2008, pp.57-58). De qualquer forma, a partir desse momento Ptolomeu passou a ser, ao mesmo tempo, *basileus* para os macedônios e faraó para os egípcios. Note-se que, apesar de assumir o título real e o diadema somente em 305/4, Ptolomeu vinha estabelecendo as fundações de sua *basileia* desde o momento em que chegou ao Egito.

Sua primeira estratégia de legitimação foi trazer o corpo de Alexandre para Mênfis e, posteriormente, Alexandria. Nas palavras de Diodoro (18.28), Ptolomeu havia preparado um túmulo grandioso na cidade que o rei havia fundado e prestado grandes honras a Alexandre, razão pela qual os deuses e os homens o haviam recompensado; os homens vinham de todas as partes desejando fazer parte do exército do generoso Ptolomeu. Portanto, a alusão à imagem de Alexandre como forma de legitimar-se no poder (ERRINGTON, 2008, p. 145), uma *imitatio Alexandri*, foi uma estratégia amplamente utilizada pelo novo *basileus* tanto na implementação de cultos e na cunhagem de moedas que o representavam tal qual Alexandre.

¹⁵ “A batalha de Ipsos significou não só o fim do reinado de Antígono, com a morte violenta do diádoco octogenário, mas também a falência da última tentativa séria de reconstruir em uma unidade política [...] o reino herdado do sonho de Alexandre.” (CHAMOUX, 2003, p. 54).

Isso nos leva a outro ponto extremamente importante quanto à *basileia*: a figura do *basileus* abrangia uma série de características da grande vitória militar à proteção dos súditos (WALBANK, 2008, pp. 81-83). O estabelecimento de Ptolomeu no Egito fora marcado pela vitória desde o momento em que ele derrotou Pérdicas. Assim, chegamos a uma segunda estratégia de legitimação, segundo Walbank a mais importante delas, pois a conquista da terra pelo mérito e pela vitória era a maior garantia de sua posse (2008, p. 66).

Sendo assim, o comando do exército era fundamental. Pérdicas, apesar de ter o controle do exército real, fora traído por seus próprios generais. Além de ser vitorioso, portanto, para garantir o controle do exército o seu líder deveria, poder recompensar seus homens financeiramente, e mostrar-se um líder carismático capaz de criar laços de fidelidade (WALBANK, 2008, p. 74).

Nesse quesito, o desempenho de Ptolomeu parece ser inquestionável. Uma de suas estratégias era oferecer terras cultiváveis no Egito para os homens de exércitos derrotado. Isso criava laços de gratidão e lealdade com seus homens, que passavam a ter suas terras no Egito (ERRINGTON, 2008, p. 145; TURNER, 2008, pp. 124-125). Ademais, o rei praticava atos de generosidade, ou *philanthropia*¹⁶, que contribuíam para sua reputação de ser um homem justo e generoso (DIODORO, 18.33), duas características apontadas por Walbank como fundamentais para um *basileus* (2008, p. 82).

Essas características podem ser percebidas em dois eventos nos quais Ptolomeu se viu envolvido: quando devolveu os ossos dos soldados de Pérdicas mortos em batalha para o campo de seu oponente (DIODORO, 18.36), E posteriormente, quando recebeu o epíteto *Soter*, ou salvador, ao garantir a cidade de Rodes contra Demétrio (DIODORO, 20. 94-100; CHAMOUX, 2002, p. 52; WALBANK, 2008, pp. 81-83). Portanto, no que tange sua legitimação como *basileus* frente à elite macedônica no Egito, Ptolomeu seguia a tradição que herdou de Alexandre (ERRINGTON, 2008, p. 145). Era um líder carismático, tal qual seu modelo, exímio comandante de suas tropas que não hesitava, segundo Diodoro, em combater junto de seus homens, para inspirar coragem (DIODORO, 18.34). Como visto anteriormente, era também vitorioso e havia justificado sua posse do Egito a partir de sua conquista militar.

¹⁶ O termo *philanthropia*, ou generosidade, era amplamente utilizado no período helenístico associado a *basileis* que eram capazes de garantir justiça e paz entre seus súditos (Walbank, 2008, p. 83).

Na tradição local, Ptolomeu era o faraó, “o intercessor necessário entre o céu e a terra” (BINGEN, 2007, p. 18). E nesse sentido suas estratégias de legitimação frente às elites locais eram basicamente pautadas pela adoção de aspectos da tradição faraônica (representação, adoção de costumes e participação em cultos religiosos). Mas a principal via de consolidação com as elites locais foi o estabelecimento de alianças e a manutenção de estruturas administrativas preexistentes, algo feito em consonância com a instauração de estruturas administrativas macedônicas (ERRINGTON, 2008, pp. 146-147). Na verdade, isso significava manter a estrutura administrativa encontrada sob o reinado de Alexandre, ou seja, manter o domínio das famílias egípcias tradicionais e inserir centros de comandos militares macedônicos por todo o território¹⁷.

Ao lidar tanto com a elite macedônica quanto com as elites locais, Ptolomeu buscou seguir o modelo de Alexandre (ERRINGTON, 2008, pp. 145-148). Ao analisar esses aspectos da *basileia* fica claro que, apesar de ser fundamental uma boa consolidação com as estruturas políticas locais, o diálogo com as elites macedônicas foi predominante. O que ocorre é uma expansão e disseminação da cultura helenística pelos reinos dos diádocos. Nesse sentido, o estudo da *basileia*, de suas origens e características, é imprescindível para a compreensão do mundo helenístico que se formava. No caso específico do Egito, ajuda a explicar por que a dinastia Lágida foi uma das mais bem sucedidas dentre as instituídas pelos diádocos, tendo perdurado até a invasão romana liderada por Otaviano, em 31 a.C.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

DIODORO DA SICÍLIA. *Biblioteca Histórica*. Tradução de Russel M. Geer. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1947.

¹⁷ Bingen diz que o sistema egípcio adota um tipo de legitimação passiva, uma vez que necessita de um soberano. Ou seja, assim que um faraó morre seu sucessor deve necessariamente assumir “um intercessor necessário entre o céu e a terra”. Já o sucessor macedônico deve cumprir uma dialética de legitimação baseada na dualidade entre o novo soberano e a constante referência à continuidade de seu predecessor (2007, pp. 18,29).

QUINTO CÚRCIO. *História de Alexandre, livros VI-X*. Traduzido por John C. Rolfe, Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1946.

Bibliografia:

BEVAN, Edwyn. *The House of Ptolemy: a history of Egypt under the Ptolemaic dynasty*. Chicago: Ares, 1985.

BINGEN, Jean. *Hellenistic Egypt: Monarchy, Society, Economy, Culture*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

BOSWORTH, A. B. Perdiccas and the Kings. *The Classical Quarterly*, New Series, vol. 43, No. 2, pp. 420-427. The Classical Association, 1993.

BRAUND, David. After Alexander: the Emergence of the Hellenistic World, 323-281. In: ERSKINE, Andrew. (ed.). *A Companion to the Hellenistic World*. Oxford: Blackwell, 2003.

CHAMOUX, François. The Diadochi and the Dream of Unity. In: *The Hellenistic Civilization*. Oxford: Blackwell, 2002.

ERRINGTON, R.M. From Babylon to Triparadeisos: 323-320 BC. *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 90, pp. 49-77. The Society for the Promotion of the Hellenistic Studies, 1970.

ELLIS, Walter M. *Ptolemy of Egypt*. London: Taylor & Francis, 2004.

_____. *A History of the Hellenistic World: 323-30 BC*. Malden, Mass.: Blackwell Pub. Ltd., 2008.

HECKEL, W. The Politics of Distrust: Alexander and his Successors. In: OGDEN, Daniel. *The Hellenistic World, New Perspectives*. Londres: The Classical Press of Duckworth, 2002.

TURNER, E. G. Ptolemaic Egypt. In: WALBANK, F.W. *The Cambridge Ancient History. VII: The Hellenistic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1928.

WALBANK, F. W. Monarchies and Monarchic Ideas. In: WALBANK, F.W. *The Cambridge Ancient History. VII: The Hellenistic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1928.

WILL, E. The Succession to Alexander. In: WALBANK, F.W. *The Cambridge Ancient History. VII: The Hellenistic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1928.